26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 –Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS BRASILEIRAS E A MEDIAÇÃO DA LEITURA PARA MENINAS NEGRAS

BRAZILIAN COMMUNITY LIBRARIES AND READING MEDIATION FOR BLACK GIRLS

Ingrid Paixão de Jesus – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Raquel do Rosário Santos – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: As atividades mediadoras, quando apresentadas às pessoas, especificamente, às meninas negras, podem proporcionar a interpretação de sua realidade, fortalecer o ecoar de suas vozes, desenvolvendo uma visão crítica e conduzindo a adoção de uma postura protagonista. Nessa conjuntura, o objetivo desta comunicação foi mapear as atividades de mediação da leitura que são desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias brasileiras e que podem contribuir com a representatividade étnico-racial e de gênero da menina negra. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo de caso múltiplo por considerar as bibliotecas comunitárias que estão localizadas nas 11 redes locais situadas nas regiões Sul, Sudeste, Norte e Nordeste. Para coletar os dados, adotou-se a técnica de aplicação de questionário junto aos(às) agentes mediadores(as) que atuam nas referidas bibliotecas comunitárias. Os resultados da pesquisa apontaram indícios de tomada de consciência por parte destes(as) respondentes quanto à situação de subalternização e opressão que as meninas leitoras vivenciam e por isso, desenvolvem as atividades de mediação da leitura, nas quais, as meninas negras manifestaram algum sentimento de receptividade, conduzindo-as à afetividade e ao acolhimento.
Palavras-chave: Atividades mediadoras; biblioteca comunitária; marcadores sociais; meninas negras; relação étnico-racial e de gênero.

Abstract: Mediation activities, when presented to people, specifically Black girls, can provide an interpretation of their reality, strengthen the voices of Black girls, develop a critical perspective, and lead to the adoption of a proactive stance. In this context, the objective of this communication was to map the reading mediation activities developed in Brazilian community libraries that can contribute to the ethnic-racial and gender representation of Black girls. Regarding methodology, this is a multiple case study considering community libraries located in 11 local networks situated in the South, Southeast, North, and Northeast

regions. To collect the data, a questionnaire was administered to the mediation agents working in these community libraries. The research results indicated evidence of increased awareness among these respondents regarding the situation of subordination and oppression experienced by female readers, and therefore, they develop reading mediation activities in which Black girls expressed some receptiveness, leading them to affection and acceptance.
Keywords: Mediating activities; community library; social markers; black girls; ethnic-racial and gender relations.

1 INTRODUÇÃO

O modelo hegemônico de masculinidade advém de uma estrutura machista, que a todo tempo realiza tentativas de hierarquização de poder a partir da definição de "papéis" de homens e mulheres. Essas definições perpassam sobre estas pessoas, determinando como elas devem agir, pensar e se comportar, inferiorizando aqueles(as) que não se encaixam nos padrões definidos por uma sociedade racista, patriarcal, sexista e misógina. Em contraponto, quando, ainda na infância, as meninas negras têm acesso a dispositivos de informação, educação, saúde e lazer que as acolhem em um processo de leitura crítica de sua realidade, estas têm uma maior possibilidade de alcançar um processo de conscientização, que as tornam cidadãs atuantes, as quais reivindicam melhores condições de existência, de modo a ressignificar esse ciclo histórico de opressão e desigualdade.

Assim, justifica-se o desenvolvimento deste estudo que busca responder à seguinte pergunta de partida: as atividades de mediação da leitura realizadas nas bibliotecas comunitárias podem contribuir para a constituição étnico-racial e de gênero da menina negra? Nesse sentido, este estudo foi desenvolvido com o objetivo mapear as atividades de mediação da leitura que são desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias brasileiras e que podem contribuir com a representatividade étnico-racial e de gênero da menina negra. Para isso, considerou especificamente as unidades informacionais que integram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Quanto ao procedimento metodológico adotado, classifica-se como um estudo de caso múltiplo por considerar as bibliotecas comunitárias que estão localizadas nas 11 redes locais situadas nas regiões Sul, Sudeste, Norte e Nordeste. Ressalta-se que, a região Centro-Oeste não está inserida no estudo por não haver bibliotecas comunitárias desta região integradas formalmente à RNBC.

Para coletar os dados, adotou-se a técnica de aplicação de questionário junto aos(às) agentes mediadores(as) que atuam nas referidas bibliotecas comunitárias. Esses dados foram analisados a partir da abordagem quantitativa para mensuração das respostas objetivas, como

também foi utilizada a abordagem qualitativa para interpretação das respostas discursivas concedidas pelos(as) agentes mediadores(as), analisadas à luz da literatura.

Com o objetivo de melhor apresentar este estudo, seguem-se a essa introdução, a apresentação do referencial teórico que elenca discussões sobre leitura, mediação da leitura e suas atividades, além de conectar estas temáticas com o conceito de epistemicídio, especialmente, pensando na perspectiva da relação étnico-racial e de gênero. Em seguida, nesta mesma seção apresenta-se a biblioteca comunitária como ambiente que favorece a realização de atividades de mediação da leitura e que podem proporcionar o fortalecimento identitário da menina negra. As seções subsequentes integram a trajetória metodológica adotada, a apresentação e a discussão dos resultados e as conclusões. Portanto, este texto se organiza textualmente em cinco seções.

2 ATIVIDADES MEDIADORAS DE LEITURA VOLTADAS À RAÇA E GÊNERO EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

Neste estudo, a leitura é defendida como um ato social, o qual pode favorecer o alcance da criticidade por meio do acesso à informação. Por isso, deve-se entender a leitura e a informação como um direito acessível a todas as pessoas. Contudo, observando a linha do tempo quanto à leitura de textos escritos, identifica-se que esta era utilizada como um instrumento de poder e de exclusão social. Conforme Silvia Castrillón (2011), a princípio, a Igreja detinha o controle dos textos sagrados e o controle da “palavra divina”. A autora colombiana também salienta sobre um outro grupo social que também realizava a leitura de textos escritos, sendo estes, os governos aristocráticos e os poderes políticos que a utilizava por interesses econômicos próprios. A partir dessa compreensão, entende-se as demais pessoas estavam condenadas à falta de acesso à informação e consequentemente estas não poderiam atribuir sentido e se apropriar dos significados, tornando-os expostos a falta de entendimento sobre si mesmos.

O ato de ler possibilita que a pessoa reflita sobre sua condição de vida e proporciona a conscientização de sua atuação, compreendendo a realidade em que está inserida e suscitando o desejo de mudança nas esferas sociais, por isso, é considerado como um instrumento de poder. A partir das discussões traçadas sobre a leitura como instrumento de poder, pode-se observar as aproximações entre a Colômbia apresentada por Silvia Castrillón (2011) e o Brasil por meio de Paulo Freire (2005), o qual defende a “libertação” por meio da ação e reflexão sobre

o mundo em que a pessoa está inserida ao afirmar que "[...] a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens [...]. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (Freire, 2005, p. 77). Assim, a leitura é uma prática social que fundamenta o processo de busca por informações e contribui para a diminuição de desigualdades sociais e a emancipação das pessoas.

Por meio dessa prática social, pode-se dizer que há no sujeito, a experiência de autor(a) e de leitor(a) que o(a) coloca em uma relação constante entre as próprias experimentações, sensações e experiências de outras pessoas, que se expressam por meio do domínio da linguagem e encontram a expressão do outro através da leitura. Porém esse processo só ocorre porque a leitura e a escrita são, antes de tudo, comunicação. A partir dessa compreensão, a comunicação estabelecida pela leitura possibilita que o(a) leitor(a) relacione os textos lidos ao seu conhecimento, que interfere em sua realidade e transforma sua ação no mundo por meio de novos registros, da expressão oral ou de sua conduta.

Nessa perspectiva, a mediação da leitura insere-se como um ato de comunicação que influencia diretamente o processo de aquisição e interligação da fala e da escrita. Sueli Bortolin assevera que a mediação da leitura se insere como um "[...] ato fundamental para formação de leitores, um posicionamento sociocultural no sentido de levar o cidadão a ler diferentes textos para que ele, com autonomia, exerça plenamente seu papel de cidadão" (Bortolin, 2010, p. 107). Portanto, a mediação da leitura é compreendida como um processo de interferência que favorece o encontro das pessoas, sejam elas produtoras ou leitoras, de modo a fomentar a problematização, que considera as relações socioculturais - de tempo, espaço e diversidade de pessoas, apoiando a apropriação da informação e a produção de novos conhecimentos, possibilitando que estas se tornem autônomas, e ao mesmo instante, atuem em favor de um coletivo por meio do exercício da cidadania.

Entende-se que o exercício pleno de cidadania fundamentado na mediação da leitura advém da realização de atividades que ao serem desenvolvidas conscientemente podem fortalecer a identidade das pessoas que integram os grupos sociais, em uma relação de pertencimento, pautados no acesso e na apropriação de informações que ressignificam e transformam suas percepções de mundo. Para a efetividade da ressignificação e transformação da pessoa, é necessário que as atividades de mediação da leitura sejam desenvolvidas de forma

consciente a partir da sua ação social, que luta pela emancipação de outros a partir de uma leitura decolonial.

Nessa perspectiva, as atividades de mediação da leitura podem atuar como ações problematizadoras e quando essas ações estão relacionadas às ponderações sobre abordagens resultantes de uma intervenção colonial, esta problematização possibilita refletir quanto a visão proposta pelo discurso hegemônico que se fundamenta na ideia de que uma cultura se sobrepõe à outra. Ou seja, as atividades de mediação da leitura podem atuar no processo de conscientização e combate do epistemicídio, o qual cria formas de dominação política e ideológica. Para Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio fere de morte a racionalidade da pessoa subjugada ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender (Carneiro, 2005, p. 97). Entende-se que o "sequestro" apresentado pela autora é uma tentativa de silenciamento da racionalidade/conhecimento do outro. Já a "mutilação" é o apagamento dos aspectos memorialísticos que um povo traz consigo. Portanto, o epistemicídio colabora com a subalternização de um povo, desconsiderando a sua capacidade de produção e perpetuação de conhecimento.

Refletindo sobre o epistemicídio voltado especificamente às meninas negras, entre os diversos exemplos que podem ser apresentados, cita-se a imposição de um comportamento fundamentado no silenciamento, em que as dores e inquietações não são consideradas dignas de escuta, ou mesmo, quando são lidas socialmente como mais velhas, e por isso, impostas a uma responsabilidade que as distanciam do acolhimento e cuidado que deveriam receber. Esse silenciamento está em consonância com o discurso hegemônico, o qual sustenta e legitima uma ideologia dominante fundamentada em relações desiguais de poder, especialmente no que se refere às diferenças entre raças. Nesse processo de diferenciação, destaca-se a compreensão sobre o "pacto da branquitude", que, de acordo com as pesquisas desenvolvidas por Layla Saad (2020) trata-se de uma construção sócio-histórica produzida pela ideia falaciosa de supremacia racial e privilégio branco.

Para o professor e antropólogo Kabengele Munanga (2004) o conceito de raça está ligado à história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas; portanto, a raça está ligada diretamente à construção e oportunidade social, e por isso, ressalta-se a necessidade do fortalecimento de diálogos que compreendam a diversidade existente na humanidade. Quando associado a concepção sobre raça à menina negra, entende-se que as

relações de poder se apresentam, por vezes, na inferiorização de meninas e mulheres negras, perpetuando desigualdades.

Estas desigualdades, estão presentes, por exemplo, no acesso à educação, quando são obrigadas a interromper os estudos para se casarem ainda jovens, ou mesmo na precariedade com relação à saúde de qualidade quando são expostas a falta de orientação sobre a menstruação e cuidados com a vida sexual. Outros exemplos estão relacionados às vivências de meninas e mulheres que perpassa por agressões físicas, violência sexual, assédio e exploração sexual. Isso não significa que apenas as pessoas do sexo feminino sofram com essas violações, no entanto, são as meninas e mulheres que estão mais suscetíveis a vivenciá-las. Essa compreensão conduz ao entendimento do entrelaçamento de raça com outro marcador social, que é gênero.

Conforme Joan Scott (1995), para além de ser um elemento constitutivo, a compreensão sobre o conceito de gênero implica nas relações de poder, ou seja, a autora aponta que esse entendimento possibilita a ampliação de noção política resultando diretamente na organização social. Assim, o gênero não é apenas uma construção de identidades, mas também uma forma de exercício e manutenção de poder (Scott, 1995). Por isso, é preciso refletir nas diferentes formas de opressão, que em algum momento se relacionam e se reforçam, entendendo, portanto, que não são opressões isoladas. Além disso, é preciso ponderar sobre os espaços sociais que podem desenvolver atividades relacionadas às discussões sobre raça e gênero, conduzindo ao processo de conscientização.

Entre esses espaços, cita-se por exemplo, as bibliotecas comunitárias, que nesta pesquisa, são ambientes que não apenas favorece o acesso aos documentos que estão em seu acervo, mas também, podem colaborar com a aproximação entre as pessoas, potencializando a troca de saberes, a comunicação e a interação entre elas. Bianka Maduell e Jussara Borges (2021) defendem que as atividades mediadoras em biblioteca comunitária provocam o processo reflexivo potencializando que leitores(as) se tornem protagonistas. Portanto, as vivências no ambiente da biblioteca, podem ressignificar experiências e contribuir com uma formação sociocultural.

A biblioteca comunitária também pode colaborar com o acesso democrático a materiais informacionais que contribuem com o enriquecimento intelectual de seus usuários(as), esse espaço é símbolo de resistência, um local de referências para lutas e mobilizações sociais em

prol do acesso aos diversos tipos de leituras. Portanto, o acesso às ações leitoras pode ser fortalecido por meio das atividades desenvolvidas em bibliotecas comunitárias e, para isso, essas ações precisam ser construídas a partir de um espaço que fomente a dialogicidade entre os diferentes.

Desse modo, justifica-se a realização de pesquisas como esta, que abordem temáticas como leitura, mediação da leitura, questões de raça e gênero em bibliotecas comunitárias, pois quando, ainda na infância, as meninas negras têm acesso a dispositivos de informação, educação e lazer que as acolhem em um processo de leitura crítica de sua realidade, estas tornam-se cidadãs atuantes que reivindicam melhores condições de existência para si e para aqueles e aquelas que estão em seu entorno, de modo a ressignificar o ciclo histórico de opressão e desigualdade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, de caráter descritivo, tem por objetivo mapear as atividades de mediação da leitura que são desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias brasileiras e que podem contribuir com a representatividade étnico-racial e de gênero da menina negra. Desse modo, pretende-se verificar se nos relatos de experiência dos(as) agentes mediadores(as) que atuam nesses espaços culturais localizados nas diferentes regiões do Brasil existem vestígios que favorecem o fortalecimento identitário e de gênero das frequentadoras/leitoras das bibliotecas comunitárias.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi necessário adotar o estudo de casos múltiplos que, de acordo com Robert Yin (2010), refere-se às pesquisas que abarcam vários estudos que são conduzidos simultaneamente. A partir disso, com esse método, pode-se analisar de forma detalhada e intensamente, as atividades realizadas pela Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), que é o universo desta pesquisa. Ressalta-se que a RNBC é composta por 11 redes estaduais que estão localizadas nas regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste, que totalizam 115 bibliotecas comunitárias. Essa ressalva se justifica por compreender que existem bibliotecas comunitárias em outros estados brasileiros, inclusive, na região Centro-Oeste, mas não integram formalmente a RNBC.

Compreendendo a abrangência geográfica e territorial deste estudo, foi adotada a técnica de aplicação de questionário, o qual foi elaborado por meio do formulário eletrônico do *Google Forms* e encaminhado aos *e-mails* disponibilizados no *site* da RNBC, entre os meses de

abril de 2023 e outubro de 2025. Das 115 bibliotecas comunitárias que integram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, 57 unidades participaram da pesquisa por meio do questionário, totalizando 67 respondentes, compreendendo que, houve casos em que havia mais de dois/duas agentes mediadores(as) lotados em uma mesma biblioteca comunitária. Quanto à análise dos dados, foram adotadas as abordagens qualitativa e quantitativa para a interpretação das respostas concedidas pelos(as) agentes mediadores(as), sendo esses resultados apresentados na próxima seção.

4 ANÁLISE SOBRE AS AÇÕES DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA E AS MENINAS NEGRAS A PARTIR DAS NARRATIVAS DAS(OS) MEDIADORAS(ES) DE LEITURA

Para alcançar o objetivo geral deste estudo que foi mapear as atividades de mediação da leitura que são desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias brasileiras e que podem contribuir com a representatividade étnico-racial e de gênero da menina negra, inicialmente foi necessário identificar as características dos(as) leitores(as) das bibliotecas comunitárias nos estados brasileiros. Para isso, foi questionado para os(as) 67 agentes mediadores(as) qual o gênero e a cor/raça dos(as) leitores(as) que mais visitam as bibliotecas comunitárias. Nesta questão, 48 respondentes sinalizaram que o público predominante nas bibliotecas comunitárias em que estes(as) atuam é formado por pessoas do gênero feminino e negras (considerando todas aquelas que são pretas e pardas).

Estes resultados denunciam a permanência do racismo estrutural, porque demonstram que a população preta depende de iniciativas sociais, tais como, das bibliotecas comunitárias, para ter acesso ao sagrado direito à informação e ao exercício da leitura. Destaca-se que, conforme Bonilla-Silva (2024), o racismo estrutural refere-se a um sistema em que a raça influencia a distribuição de recursos, oportunidades e poder, favorecendo um grupo racial (tipicamente o branco) em detrimento de outros. Desse modo, o racismo estrutural se manifesta na estrutura das relações sociais e na formação das pessoas que são constrangidos(as) cotidianamente na própria dinâmica que vivem devido à sua raça. Ao rememorar essas observações iniciais quanto ao público formado por pessoas do gênero feminino e negras, também nota-se que as mulheres e meninas utilizam mais as ações das bibliotecas comunitárias, as quais, conforme Elisa Machado (2012), são espaços estratégicos para integração social e cultural.

Observou-se nos resultados identificados neste estudo que apenas cinco (5) agentes mediadores(as) indicaram que, nos respectivos espaços de atuação, a maioria dos leitores é representado por meninos/homens, sendo que, entre estes, sinalizaram ser meninos/homens de cor/raça parda (3), cor/raça preta (1) e cor/raça branca (1). Salienta-se que, nesses locais em que há uma predominância de leitores do sexo masculino, é preciso que o corpo funcional da biblioteca comunitária estimule a realização de atividades fundamentadas no respeito à diversidade compreendendo que estas ações poderão colaborar com uma sociedade mais igualitária, combatendo as desigualdades, discriminações, violências e atos misóginos; este último é fundamentado na concepção de que é necessário o fortalecimento de uma educação voltada ao respeito às mulheres que combate o machismo estrutural e sistêmico. É possível que, a partir desse fortalecimento educacional fundamentado no respeito ao outro, este menino retorne ao espaço da biblioteca comunitária como um agente mediador integrando o corpo funcional daquela unidade, ou seja, uma pessoa que vai colaborar com a formação de outras.

Buscou-se investigar por meio do olhar dos(as) agentes mediadores(as) que atuam nas bibliotecas comunitárias à faixa etária que mais predomina nos espaços de atuação em que estão locados. Os resultados indicaram que o público que mais frequenta essas unidades informacionais são as crianças com faixa etária entre 0 e 10 anos. Essa faixa etária está no processo de formação intelectual, por isso, é fundamental que a criança inicie o processo associativo entre o que é lido e o pensamento a que os textos que integram os acervos das bibliotecas comunitárias remete, conduzindo a uma leitura interpretativa. Entre os(as) respondentes, 56 agentes mediadores(as) que participaram deste estudo também sinalizaram que parte significativa do público que frequenta as bibliotecas comunitárias é constituída por adolescentes e jovens que possuem entre 11 e 17 anos de idade. Ao refletir sobre essas características mapeadas, pode-se concluir que são as meninas negras com idade entre 0 e 17 anos que mais frequentam as bibliotecas comunitárias brasileiras. Portanto, esses resultados conduzem à inferência de que as bibliotecas comunitárias são as “portas que se abrem” para o processo de resistência contra a misoginia, o sexismo e a violência que existem nas comunidades periféricas.

Ao observar esse perfil que mais predomina nas bibliotecas comunitárias brasileiras, foi questionado aos (às) agentes mediadores(as) quais as atividades de mediação da leitura que vem sendo desenvolvidas em seus espaços de atuação e que são voltadas as meninas negras.

Entre as respostas recepcionadas, cita-se, por exemplo a indicação de título literários disponíveis no acervo destes espaços. Conforme Vincent Jouve (2002), o texto literário se caracteriza como um objeto semiótico, que interfere na interpretação e na geração de sentidos. Desse modo, infere-se que a leitura literária recomendada pelos(as) agentes mediadores(as) possivelmente abordam temáticas relacionadas à história dos povos africanos, à estética do cabelo da pessoa negra, às heranças africanas transmitidas por meio dos ritmos musicais, à relação afetiva estabelecida entre diferentes gerações, e todas estas temáticas apontam para o ato de resistência desses profissionais que fazem dos espaços de atuação ambientes de confronto de ideias para formação crítica de cidadãs.

Além das indicações de títulos literários, esta pesquisa buscou investigar quais as outras ações que são desenvolvidas para as meninas negras em bibliotecas comunitárias e que estão relacionadas tanto à questão de raça quanto de gênero. Para isso, os(as) agentes mediadores(as) poderiam selecionar mais de uma opção entre as sugestões apresentadas e parte significativa das(os) respondentes, totalizando 18 pessoas, sinalizou que ação mediadora mais desenvolvida é a "contação de histórias que celebram a diversidade", seguindo pela atividade "promoção de diálogos abertos por meio de bate-papos/rodas de conversa sobre diversidade racial", correspondendo a 17 respondentes. Isso significa que as ações mais desenvolvidas são aquelas fundamentadas na interação, no diálogo com o outro e nas possibilidades de aprendizado e compartilhamento que são possibilitadas pelas rodas de contação de histórias e bate-papos sobre diversidade. Contar histórias, por exemplo, é um ato ancestral por permitir que se rememore algo que pode conduzir emoções, e até mesmo, um processo de conscientização quando aquele(a) que ouve se identifica com a história e/ou com os personagens.

Do mesmo modo, as rodas de conversas/bate-papo, a depender da forma que são desenvolvidas, podem proporcionar o acolhimento e o afeto, conduzindo as meninas negras a refletir sobre diversidade e colocá-las na centralidade dessas discussões, possibilitando que observem criticamente os diálogos traçados e interajam quanto a estes. Outra atividade citada pelas(os) agentes mediadoras(es) é o "Incentivo à leitura de livros escritos por pessoas negras ou que tenham personagens negros(as)" com a indicação de 15 respondentes. Ao retomar a concepção de Antonio Candido (2011) quanto ao direito à literatura e o uso desta como um instrumento facilitador para a educação e formação, entende-se que a importância sobre a

discussão sobre o acervo bibliográfico das bibliotecas comunitárias e como estes possibilitam o fortalecimento das discussões sobre os conteúdos apresentados.

Outra ação que foi destacada por 10 respondentes é as “Atividades que remetem ao fortalecimento da beleza feminina e as características fenótipos da menina negra”. Como dito anteriormente, é preciso fortalecer e valorizar os traços identitários que remetem a menina e a mulher negra, combatendo diretamente a determinação de um padrão estabelecido pela branquitude para domesticar e dominar a mente e os corpos negros.

Destaca-se também duas ações indicadas pelas(os) agentes mediadoras(es) que são as rodas de conversa voltadas especificamente para temáticas que abordam a violência (9 respondentes) e a saúde da menina negra (8 respondentes). Quando as pessoas que atuam em bibliotecas comunitárias desenvolvem atividades mediadoras que tratam diretamente dessas temáticas por meio de rodas de conversas, elas possibilitam que as meninas, em especial, as meninas negras, possam refletir sobre essas questões, compartilhando seus medos e temores, suas angústias e dúvidas. Para isso, é preciso estabelecer um ambiente seguro, de afeto e acolhimento com diálogos horizontalizados que permitam as trocas sem julgamentos. Essas rodas de conversas também podem ser compreendidas como rodas de aquilombamento - ou seja, em analogia ao significado de “quilombos”, essas rodas podem ser espaços de resistência que focalizam a identidade e o protagonismo negro por meio de diálogos que garantem o acesso democrático à informação visando o coletivo e não o individual.

Também se destaca atividades mediadoras que mostram números menos significativos, ou seja, são ações que podem e precisam ser fortalecidas nas bibliotecas comunitárias. Entre estas, cita-se as ações formativas, como, por exemplo, as oficinas de letramento racial e aulas/discussões sobre sexualidade feminina, ambas indicadas por 7 respondentes. Conforme Andréia Silva e Sandra Fontes (2017), a biblioteca é o lugar propício para a (re)construção da identidade negra. Portanto, são ações que requerem uma metodologia estratégica, que enalteça a ancestralidade dos povos africanos e que potencialize os saberes que estão nas próprias comunidades, possibilitando visibilidade e oportunizando espaços para todas as vozes.

Infere-se que a realização de atividades mediadoras resulta na receptividade das leitoras, especialmente das meninas negras e que estas expressam como se sentem diante dessas ações. Os(as) agentes mediadores(as) sinalizaram, por exemplo, que essas manifestações foram realizadas pelas meninas negras após a realização de leituras de livros

que eram escritos por pessoas negras ou que tinham personagens negros e ao ser apresentadas ao repertório daquelas histórias, logo realizavam associações com suas próprias vidas. Essa análise pode ser constatada nas falas da Respondente AM 7 que é uma mulher preta e demonstra com expressividade os diálogos que conseguiu perceber entre as meninas negras que participaram das atividades ao falar "Elas sempre comentam algo do tipo: Me vi na personagem tal, já aconteceu a mesma coisa comigo e coisas similares". Ou seja, indica-se que pode existir um processo de identificação tanto estético quanto com os enredos que são apresentados.

Além desse depoimento, outros(as) respondentes também compartilharam suas experiências, as quais foram recepcionadas, organizadas e apresentadas no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1- Identificação dos relatos de experiências em atividades mediadoras que versam sobre as questões étnico-raciais e de gênero voltadas às meninas negras

AGENTE MEDIADOR(A)	RELATO DE EXPERIÊNCIAS NAS ATIVIDADES MEDIADORAS QUE VERSAM SOBRE AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO VOLTADAS ÀS MENINAS NEGRAS
Respondente AM 9 (agente mediadora preta)	Quando mediei uma história de princesa e uma criança falou que queria ser uma princesa, mas não podia porque era preta. Aí todas nós, juntas, criamos uma história chamada: *Uma princesa negra*. Montamos cenários e recontamos a história modificada.
Respondente AM 14 (agente mediadora parda)	Quando dentro do espaço da biblioteca, foi feito uma *Ball*, sobre a Cultura Hip-Hop, com o maior corpo de equipe sendo trans, e negro.
Respondente AM 16 (agente mediadora branca)	A menina de 8 anos comentou enquanto líamos *Alice Vê*, que a menina da história era linda e que tinha o cabelo igual ao dela, e a amiga do lado confirmou.
Respondente AM 20 (agente mediadora preta)	Todos os anos trabalhamos a semana o livro infantil, com literatura indígena e os livros de Monteiro Lobato, os meninos e meninas já falam "tia, ele foi racista", com isso abro uma roda de conversa sobre o contexto da época e qual o impacto para nossa vida atual e como podemos agir diante de situações racistas. Sobre gênero trabalhamos muito com a valorização das meninas e meninos. Realizamos o papo de menina, que são rodas de conversa sobre diversos assuntos.
Respondente AM 23 (agente mediador branco)	Em janeiro, promovemos uma roda de conversa para discutir a autoria de literaturas de pessoas travestis e transexuais.
Respondente AM 32 (agente mediadora preta)	Sim, quando levamos a ação de uma roda de conversa de um projeto chamado "Elas sem Tabu", de uma outra organização local, para a biblioteca. Pautava sobre pobreza menstrual de meninas e jovens na periferia, e muitas relataram sobre ainda ter tabu acerca de seus próprios corpos, desconhecimento de questões básicas de higiene, e o uso de paninhos para cessar o fluxo por falta de condição financeira

AGENTE MEDIADOR(A)	RELATO DE EXPERIÊNCIAS NAS ATIVIDADES MEDIADORAS QUE VERSAM SOBRE AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO VOLTADAS ÀS MENINAS NEGRAS
	para a compra de absorvente. Foi algo que nos chamou atenção para uma realidade que é gritante no território, relatados tanto por filhas, quanto por mães.
Respondente AM 61 (agente mediadora parda)	Durante uma contação de histórias, uma criança se reconheceu em uma personagem negra. Foi emocionante testemunhar a felicidade dessa criança. Além disso, o momento impactou positivamente todos os seus colegas, mostrando a importância de uma representatividade que celebra a diversidade e promove a inclusão.

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Ao observar as respostas elencadas no Quadro 1, nota-se que, para além do processo de identificação quanto às questões voltadas à cor/raça, também percebeu-se que as atividades mediadoras impulsionam as discussões sobre as questões voltadas ao gênero, como é possível notar nas falas da Respondentes AM 14 que narra a participação de pessoas transgênero em programações relacionados ao *hip-hop*. Entende-se que essa iniciativa pode colaborar com a visibilização e inclusão de debates que fortalecem a diversidade de gênero. Portanto, as bibliotecas comunitárias brasileiras podem contribuir com o fomento de discussões que colaborem com uma sociedade mais tolerante e respeitosa. Ainda refletindo sobre os relatos de experiência que foram elencados no Quadro 1, observa-se que muitas destas vivências estão associadas às atividades de mediação da leitura realizadas a partir da literatura. Essa constatação pode ser identificada na fala da Respondente AM 9, que ressignificou um enredo para propiciar uma nova visão da história para uma leitora, possibilitando que esta se sentisse acolhida.

Similarmente, a Respondente AM 20, ao apresentar o escritor Monteiro Lobato, é contestada pelos(os) leitores(as), no entanto, por meio da dialogicidade, esta agente mediadora problematiza os livros escritos pelo autor, discutindo o racismo. Neste sentido, rememora-se a concepção de Paulo Freire (2005) sobre a dialogicidade, que conduz para uma problematização e à criticidade, favorecendo que a pessoa reflita sobre o que lê, possa recepcionar novas ideias de maneira crítica e compartilhar de forma consciente, o que pode contribuir significativamente com a transformação de sua realidade e do mundo.

Observa-se também a fala da Respondente AM 32, a qual compreende que as atividades mediadoras desenvolvidas na biblioteca comunitária em que atua vêm alcançando

as meninas e jovens por meio de ações como “roda de conversa” que tem por objetivo a construção da autonomia através de uma problematização. Nesse processo de problematização, ocorre as orientações sobre a saúde da mulher, culminando no compartilhamento de informações. Ao mesmo tempo, essa atividade possibilitou uma ambiência segura em que as meninas e mulheres falaram sobre seus corpos e como lidavam com a menstruação, usando, inclusive, “panos” em lugar de absorventes, porque não tinha condições financeiras de comprar os materiais.

Do mesmo modo, o Respondente AM 23, que é um homem branco, relata o desenvolvimento de rodas de conversa que centralizaram a discussão em torno de literaturas escritas por pessoas travestis e transexuais ao dizer que: “Em janeiro, promovemos uma roda de conversa para discutir a autoria de literaturas de pessoas travestis e transexuais”. Respondente AM 23. Entende-se que essas iniciativas podem colaborar com a visibilização e inclusão de debates que fortalecem a diversidade de gênero. Portanto, reconhecendo que tais relatos constituem percepções dos(as) agentes mediadores(as), é possível inferir, tanto neste depoimento quanto nos citados anteriormente, que as bibliotecas comunitárias brasileiras fomentam discussões sobre a luta por direitos sociais e para a construção de uma sociedade mais tolerante e respeitosa. Ao mesmo instante, aponta-se indícios de uma consciência política por parte desses(as) agentes mediadores(as) ao entender que seus espaços de atuação precisam atuar na perspectiva do acolhimento e afetividade das meninas negras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados sinalizaram que são as meninas negras com faixa etária entre 0 e 17 anos que mais utilizam das ações proporcionadas por bibliotecas comunitárias brasileiras, as quais, em grande parte, estão localizadas nos bairros periféricos. Nesse sentido, entende-se que esses espaços sociais estão na encruzilhada da interseccionalidade com marcadores sociais de gênero, raça e classe. Rememora-se que esses resultados quanto o perfil das leitoras foram identificados a partir das observações realizadas pelos(as) agentes mediadores(as), o que sinaliza indícios de uma consciência política quanto à situação de subalternização e opressão que elas/eles e as meninas leitoras enfrentam e apesar de serem temáticas que vêm sendo discutidas com frequência por meio de estudos científicos, nas mídias, entre outros, ainda assim, confrontar essas questões perpassando por tantas adversidades é complexo; no entanto, esses(as) agentes

mediadores(as) vêm se colocando em posição de combate e disputa social em favor de um coletivo.

Esse posicionamento de combate e favorecimento ao coletivo direciona as atividades de mediação da leitura, conduzindo estes(as) agentes mediadores(as) a refletirem sobre suas atuações no intuito de fortalecerem as iniciativas que vêm alcançando resultados positivos ou reavaliarem determinadas ações. São também por meio dessas ações que as leitoras autodeclaradas como negras manifestaram algum sentimento de receptividade quanto às atividades. Esse sentimento foi evidenciado, por exemplo, em atividades mediadoras que utilizavam o livro, seja na contação de histórias, ou nas discussões a partir de dispositivos de informação textual escrito por pessoas negras e/ou com personagens negros, evidenciando como o processo de identificação conduz à afetividade e ao acolhimento dessas meninas.

Por fim, afirma-se que é preciso problematizar as relações de poder que, por vezes, são impostas por uma sociedade racista e misógina por meio das discussões que precisam ser suscitadas dentro de espaços culturais e formativos, tal como entende-se as bibliotecas comunitárias, com o objetivo de fortalecer o caminho das lutas das meninas negras, possibilitando que estas alcancem uma autonomia e o empoderamento.

REFERÊNCIAS

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura:** a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. Orientador: Oswaldo Francisco Almeida Júnior. 2010. 234 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: goo.gl/mRLa4. Acesso em 10 jan. 2026.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001465832. Acesso em 15 fev. 2026.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002.

MACHADO, Elisa Campos. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012. Rio de

Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANCIB, 2012. Disponível em: http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3219/2345. Acesso em: 16 abr. 2026.

MADUELL, Bianca.; BORGES, Jussara. Bibliotecas comunitárias como espaços de direito à informação. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib**., João Pessoa, v. 16, n. 3, p. 056-072, 2021. Disponível em: https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/60453. Acesso em: 01 maio 2026.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In:* BRANDÃO, André Augusto Pereira. (org.) **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira.** Niterói: Eduff, 2004.

SAAD, Layla F. **Eu e a supremacia branca:** como reconhecer seu privilégio, combater o racismo e mudar o mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./ dez. 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721. Acesso em: 10 abr. 2026.

SILVA, Andréia; FONTES, Sandra. Diversidade étnica na biblioteca e a aplicação da lei nº 10.639/03. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 1, 2017. Disponível em: https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/72. Acesso em: 10 abr. 2026.

YIN, Robert. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.